

O URBANISMO INCAICO: AS LLACTAS E A CONSTRUÇÃO DO TAHUANTINSUYO¹

THE INCA'S CITY PLANNING: OF LLACTAS AND OF CONSTRUCTION OF THE TAHUNATINSUYO

Denise de Fátima Martins Oliveira² e Elisabeth Weber Medeiros³

RESUMO

No presente artigo, o objetivo é estudar e analisar como o urbanismo inca foi planejado e desenvolvido, seus significados e funções, e quais foram às finalidades das Llactas nesse urbanismo. O texto aqui apresentado é um resumo do trabalho original que, pela extensão de seus capítulos, não pode ser transcrito integralmente, assim, se procuraram os fatores mais importantes da pesquisa para esclarecimento e informação sobre o tema desenvolvido. Para tanto, foram utilizadas fontes documentais, de cronistas do século XVI e XVII, obras historiográficas que forneceram o referencial necessário para contemplar as investigações propostas. A pesquisa do urbanismo andino em nossos dias torna-se um desafio de compreensão e estudo, em busca da construção da identidade andina.

Palavras-chave: incas, construções, llactas, império.

ABSTRACT

The present article has as objective to study and to analyze as urbanism Inca was planned and developed, its meanings and functions, and which had been to the purposes of the Llactas in this urbanism. The text presented here is a summary of the original work that for the extension of its chapters cannot integrally be transcribed, thus, if it looked to the factors most important of the research for clarification and information on the subject developed. For in such a way, documentary sources had been used, of analyst of century XVI and XVII, historiographica's workmanships that had supplied the referencing necessary to contemplate the inquiries proposals. The research of Andean urbanism in our days

¹ Trabalho Final de Graduação – TFG.

² Acadêmica do Curso de História -UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

becomes a challenge of understanding and study, in search of the construction of the Andean identity

Key words: incas, constructions, llactas, empire.

INTRODUÇÃO

No estudo, tem-se o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o urbanismo incaico e examinar seus significados e funções. A partir da historiografia andina existente, podem-se sustentar as análises propostas. Para responder aos questionamentos iniciais, fez-se uma análise e interpretação de obras históricas de cronistas do século XVI e XVII como a *História de Los Incas* de Pedro Sarmiento de Gamboa, *Nueva Crônica y Buen Gobierno* de Felipe Guamán Poma de Ayala, *La Crônica del Peru e Señorío de los Incas* de Pedro Cieza de Leon, *Comentários Reales de los Incas* de Garcilaso de La Vega e *Suma y Narracion de los Incas* de Juan de Betanzos. A pesquisa também se embasou em obras historiográficas de pesquisadores que trabalham com o mundo andino como *Maria Rostworowski de Diez Canseco*, *John Victor Murra* e *Alden Mason* e fontes virtuais de instituições científicas do Peru que apresentam resultados de pesquisas arqueológicas recentemente desenvolvidas. Assim, os sítios arqueológicos, hoje explorados possibilitam a construção de novas idéias sobre a história dessa civilização, contribuindo de forma especial no tema a ser tratado.

O URBANISMO ANDINO

ORGANIZAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS CIDADES

Quando os incas iniciaram a construção de seu império, já haviam passado milênios de história andina e a herança deixada pelas culturas pré-incaicas formavam um conjunto de conhecimentos e costumes que, adaptados, serviram para a expansão de seus domínios. Muitas construções já eram ruínas. No entanto, ainda continuavam a serem utilizadas. Em todo cenário andino surgiram cidades, santuários, palácios, caminhos, depósitos, canais de irrigação e câmaras funerárias, resultado de crenças e mitos de várias culturas, que buscavam a continuidade da vida e de seu povo (OLIVEIRA, 2003).

“Em todo *Tahuantinsuyo*, predominava a aldeia como forma básica de moradia e urbanismo: eram *ayllus* com casas dispostas irregularmente e distantes umas das outras [...] com as inclinações naturais do terreno ou dos

rios e riachos que cortassem a região” (FREITAS, 1997, p. 1, Cap. XII). Quase totalidade da população vivia nos *ayllus*, apenas uma elite residia nas cidades, que passam a serem chamadas de *llactas*, conforme argumenta Freitas (1997):

As *llactas* eram cidades artificiais planejadas e construídas pelo Estado Imperial Inca para atuar principalmente como centros administrativos e de poder no controle do território e da população. Por este motivo se registra o maior número de *llactas* ao norte e no nordeste do Tahuantinsuyo, já que as etnias submetidas naquela região tornam necessário o envio de incontáveis *mitmas* para seu controle [...] (p. 2, Cap. XII).

As casas típicas poderiam ser de pedra ou adobe, em formato retangular com uma única divisão, possuindo telhado de palha, na qual as pedras eram ligadas com lama e as paredes externas cobertas com estuque de lama fina. Quase todas as construções eram retangulares, sendo as redondas muito raras, pois somente ocasiões especiais definiam sua criação. Essas casas não possuíam janela e nem chaminé (a fumaça escapava pela palha do telhado), e uma única porta era coberta por uma esteira ou cortina de couro, não sendo permanente (MASON, 1961).

Conforme observado por Mason (1961), as edificações apresentavam algumas características:

[...] um grupo de casas dessas, dispostas rectangularmente em volta de um pátio central, em que havia também celeiros e armazéns e outras construções semelhantes. Este complexo era rodeado por um muro geralmente também retangular e com uma só entrada, o muro podia ser de pedra ou adobe, mas amiúde era de lama (p.187).

Betanzos (2004), no capítulo XVI de sua Crônica, registra que as construções das *llactas* necessitavam de muita mão-de-obra e de um planejamento preciso. Funcionários do Estado Inca, os *orejones*⁴, saíam em busca de muitas pessoas retiradas de suas províncias e *ayllus*, para realizarem o serviço. Esse processo era chamado de *mitmas* ou *mitmaq*, e se refere ao traslado de famílias ou populações inteiras, sob organização e a serviço do Estado. A imposição do trabalho deveria provocar temor aos povos convocados e com isso garantiriam a dominação do Inca.

Por ocasião da reconstrução de Cuzco, o *Inca Pachacutec Yupanguí* planejou a cidade e fez maquetes com figuras de barro definindo como os trabalhadores iriam desempenhar seu projeto. Nessa época, não havia papel para se fazerem projetos arquitetônicos, então eram criadas maquetes de barro ou pedra para servir de modelo de construção, como apontam os cronistas

Pedro Sarmiento de Gamboa e Juan de Betanzos. No entanto, a pergunta que fica sempre é, que instrumentos de engenharia eles usavam?

Pouco se sabe sobre o material utilizado, mas o fio de prumo era conhecido, assim como outras ferramentas para obter ângulos, medidas e níveis. Os martelos e machados geralmente eram de pedra e o trabalho era físico, de braço a braço, com a preocupação de se cuidar dos mínimos detalhes. Usavam-se também alavancas de madeira e de bronze para mover e colocar pedras (MASON, 1961). Mas, como remover pedras em blocos enormes e sobrepô-los em construções acima de montanhas ou muito distantes? A essa questão nenhum relato das crônicas responde e as pesquisas ainda tentam decifrar o encaixe perfeito e seu transporte em meio a uma geografia complexa. Várias explicações tentam compreender as técnicas utilizadas pelos incas, sem contudo, conseguir uma explicação viável. Entre o material empregado nas construções, os incas não utilizavam nenhuma liga para fixar os blocos de pedra. A descrição feita pelos cronistas preocupa-se apenas em detalhar os feitos dos soberanos incas para comprovar o direito da Coroa Espanhola sobre a população, suas riquezas e terras. É possível que os escritores da época fossem influenciados pelo confronto de personalidades e ações do modo de governo incaico, diante da necessidade de conquista do Vice-Rei Francisco de Toledo e seus seguidores, destacando a imposição e tirania⁵ dos incas sobre outros povos.

O império inca era rico não apenas pelos objetos que fabricava, “[...] havia riqueza na quantidade de pessoas e em suas habilidades, nas maravilhas tecnológicas observáveis na edificação, na metalurgia, na construção de estradas, na irrigação ou nos produtos têxteis [...]” (MURRA, 1998, p.66).

Como esses homens transportavam imensos blocos se não conheciam a roda e nem possuíam animais de tração? As hipóteses são várias e a resposta à pergunta define-se nos poucos recursos como descreve Mason (1961):

Para o transporte desses grandes blocos recursos havia além da mão-de-obra ilimitada. Podiam fazer-se cordas de fibra de qualquer resistência desejada, e o princípio da alavanca era conhecido [...]. Blocos maciços eram arrastados sobre troncos redondos e rampas de terra, depois removidas, eram sem dúvida, construídas [...]. Crê-se

⁴ Funcionários representantes do Inca que executavam diversas funções administrativas eram assim chamados por usarem uma espécie de argola no lóbulo da orelha, deixando-a comprida, ficando esteticamente com orelhas grandes ou orelhões (BETANZOS, 2004).

⁵ Segundo o cronista Gamboa, (2001, Cap. IX) os incas eram considerados tiranos por terem usurpado as terras e a cultura de várias etnias, e por sua índole de guerreiros e cruéis, praticando punições e sacrifícios contra o inimigo.

geralmente que o ajuste final era, em grande medida, executado com as pedras em posição, esfregando a pedra recém colocada contra sua vizinha [...] (p. 190-1).

A organização e o planejamento dos construtores incas revelavam uma organização social e estatal desenvolvida e aprimorada em relação aos outros povos pré-hispânicos. A partir de Cuzco, as demais *llactas* edificadas pelo Estado foram divididas em setores religiosos, administrativos e agrícolas. Sendo que as construções de pedra utilizaram técnicas e paredes erigidas de materiais diversos, de acordo com o aperfeiçoamento de técnicas utilizadas. Em um primeiro estágio, as construções eram projetadas em um estilo rústico com *pirca e adobe*⁶, erguidos com pedras amontoadas sem muito cuidado e mescladas com uma liga de barro. Esse procedimento utilizou-se para construir casas da população comum, *andenes*⁷ e depósitos (GOYZUETA, 2005).

Aprimorando a técnica com pedras, os Incas começam a edificar um trabalho mais encaixado, feito com base de pedras ígneas de tamanho regular com formas geométricas poligonais. No auge do *Tahuantinsuyo*, utiliza-se um tipo sedimentário ou inca imperial, constituído por pedras de tamanho médio de altura regular, encaixadas sem nenhum espaço, bem talhadas e polidas. Nas fortalezas, principalmente, se utilizou um estilo monumental, em que grandes blocos pesando toneladas foram usados.

Em Cuzco, os esgotos e o abastecimento de água estavam eficientemente organizados. “Os cursos de água que atravessavam a cidade estavam confinados entre muros, e os leitos das correntes menores, eram pavimentadas com pedras. A água era levada para alguns edifícios por condutos forrados e cobertos de pedras” (MASON, 1961, p. 195).

É interessante perceber como um povo desenvolveu e adquiriu técnicas tão bem elaboradas. No entanto, os métodos que determinaram esse conhecimento, permanecem uma incógnita até hoje. As hipóteses sobre as técnicas de engenharia e das grandes construções arquitetônicas são várias, mas nenhuma confirma como os incas adquiriram uma técnica impecável e a destreza no trabalho em pedra.

A RECONSTRUÇÃO DE CUZCO: CAPITAL DOS QUATRO CANTOS

Cuzco ganha maior importância a partir do governo do nono Inca *Pachacutec Inca Yupanqui*, que propõe, entre suas reformas na

⁶ Tijolos de barro cozidos ou secos ao sol, às vezes acrescidos de palha ou capim muito utilizados nas construções de casas na região andina.

⁷ Conhecidos também como terraços de plantio, eram grandes construções em forma de degraus localizadas nas encostas das montanhas com canais de irrigação em que se desenvolviam atividade agrícola.

administração do Império, reconstruir, no local da pequena Cuzco, uma magnífica cidade como capital. Assim passam a morar em Cuzco apenas os Incas e sua elite administrativa, sendo que a população vivia nos arredores da cidade (LA VEGA, 1990).

Murra (1998) se refere à reconstrução da cidade afirmando que: “Cuzco deixou de ser, no século XV, o núcleo de uma comunidade local para tornar-se um importante centro urbano, capital do Tahuantinsuyo [...]. Não era apenas o coração administrativo do reino Inca, mas também centro cerimonial [...]” (p.84).

A transformação do expansionismo inca começa a partir da formulação do que será o *tahuantinsuyo*. Até então, a capital Cuzco não passava de um vilarejo, estilhaçado pelas constantes batalhas e principalmente pelo ataque dos *Chancas*⁸.

Uma das primeiras medidas a ser tomada foi a canalização dos rios que cruzavam a cidade. Conforme apontado por Betanzos (2004), “[...] los naturales y caciques que a el estaban sujetos tuviesen espacio y tiempo para holgarse en sus tierras del trabajo que habían pasado y en el reparo que así habían hecho en los arroyos de la ciudad del Cuzco [...]” (p. 114).

A cidade foi erguida sobre uma organizada e planificada construção, lembrando o formato de um puma com ruas estreitas, retas e devidamente empedradas, com canais de água limpa para consumo da população, abrigando conjuntos de residências, praças, palácios, entre outros. O ponto principal de Cuzco era sua praça central chamada *Huakaipata*, que ligava as quatro grandes estradas que faziam a conexão da cidade às províncias do *Tahuantinsuyo*. A praça era majestosa e nela encontravam-se ao redor os palácios dos nobres. *Huakaipata* significava a zona cerimonial e segundo Gonzáles Holguín “[...] el nombre de la plaza proviene de la voz *auca* que significa el soldado y también el enemigo” (ROSTWOROWSKI, 1999, p. 82).

Durante a reconstrução de Cuzco, foi realizada uma nova divisão de espaço. *Manco Capac* havia dividido Cuzco primitivo em quatro bairros, com a nova delimitação e expansão do Império se fez necessário um novo perímetro. Rostworowski (1999) argumenta que:

Las conquistas incaicas permitieron lograr el dominio de lejanas tierras y se creó la definición de los grandes suyus, con una visión y una dimensión estatal. Es así que surgió la formación de las regiones de Chinchasuyu, Antisuyu, Collasuyu y Cuntisuyu, las mismas que juntas formaron el Tahuantinsuyu (p. 84).

⁸ Distantes trinta léguas de Cuzco, no poente, localizava-se uma província chamada *Andahuaylas*, cujos naturais chamavam-se Chancas. Guerreiros e conquistadores os Chancas tinham como objetivo conquistar a região de Cuzco (GAMBOA, 2002, Cap. XXVI).

Muitas construções de templos e centros administrativos foram edificadas tanto em Cuzco como nas províncias que iam sendo conquistadas.

Segundo Rostworowski (1999):

[...] durante más de veinte años la reconstrucción del Cuzco, el empeño de dotar a la capital de nuevos edificios perduró através del gobierno de los Incas siguientes. Las señalan las principales obras adjudicadas a cada soberano, no sólo en la ciudad, sino también en las provincias (p. 87).

As obras realizadas por *Tupac Yupanqui*, filho de *Pachacutec* se confundem muitas vezes pela alternância de governo que se estabelece entre pai e filho.

AS LLACTAS NA ORGANIZAÇÃO DO TAHUANTINSUYO

A organização do Império inca *inicia-se com o* décimo Inca *Pachacutec Inca Yupanqui* que assume não só o controle das *panacas* e *ayllus*, mas a sua reorganização e realocização, transformando o cenário vivido pelos Incas até aquele momento. Articulam-se construções de caminhos, pontes e *tambos*⁹ ao redor das cidades, como um ponto estratégico para as atividades militares e de rápida viabilidade ao controle do Império. Dividiu o Estado em *suyos*¹⁰ e *huanamis*¹¹, configurou o Império dos quatro cantos nomeado de *Tahuantinsuyo*.

Sacsahuamán

Construída sob os mínimos detalhes, a fortaleza de *Sacsahuamán* situa-se no topo do vale de Cuzco e domina as demais montanhas. A construção foi mantida na forma de muros e plataformas em zigue-zague, em uma seqüência de muralhas que cobriam duzentos e sessenta e cinco metros, construídos em níveis diferentes, em pedra calcária, e com dimensões desproporcionais e, em determinado ponto, representa os dentes do puma e mais acima se erguem três muralhas representando os olhos do puma.

⁹ Ou *tampu* que significa: pousada ou depósito construído ao longo dos caminhos reais (ROSTWOROWSKI, 1999).

¹⁰ Regiões

¹¹ Províncias

Rostworowski (1999) comenta que existem dúvidas quanto à finalidade de construção de *Sacsahuamán* como fortaleza, pois pode ter sido construída como um monumento de vitória e, entre seus muros, efetuavam-se batalhas rituais nas quais participava a elite e o povo.

Pisac

A *llacta* de *Pisac* era um dos importantes pontos do comércio¹² do Império Inca, localizava-se na parte alta da região andina, entre montanhas secas e rochosas, a oitenta quilômetros de Cuzco.

A agricultura tomou parte das terras férteis, já que os Incas projetaram tudo nos mínimos detalhes. O nome *Pisac* deriva da palavra quíchua “*p’isaqa*” que significa uma variedade de perdiz muito comum na região, pois se dizia que a cidade possuía sua construção em forma de perdiz para simbolizar a fauna do local e boa sorte (HUBER, 1966).

A cidade foi construída com vários bairros com objetivo de proteger a região de Cuzco, localizando-se no caminho para o *antisuyu*, em direção a selva amazônica. Várias construções de aquedutos e irrigação foram desenvolvidas para manter a produção agrícola, além de uma canalização de fontes do interior da montanha que garantia abastecimento para a população em tempos de guerra prolongada. Entre as construções da *llacta* estavam muitas torres de observação e sinalização, nas quais os moradores comunicavam-se por meio de sinais luminosos para transmitir notícias e ordens.

Ollantaytambo

Gamboa (2001) comenta que a fortaleza de *ollantaytambo* foi tomada com violência pelo Inca *Yupanqui*, a população que vivia na fortaleza passou a prestar-lhe obediência, suas casas foram queimadas e seus habitantes mortos, não lhes deixando nenhuma memória, passando a pertencer ao domínio de Cuzco.

Ollantaytambo é chamada de “*llacta Punku* ou *Puerta del Pueblo* que fue parte de una muralla protectora” (GOYZUETA, 2005, p.2).

Era a *llacta* fortificada que guardava o *antisuyo* e Cuzco de alguns inimigos que vinham da selva amazônica. A função bélica e de proteção

¹² Ao nos referirmos ao comércio na região andina, é necessário levarmos em consideração que o modelo econômico era redistributivo, centralizado no Estado e a produção não estava orientada para um mercado, o uso da moeda era limitado e a troca ou comercialização do excedente define a diferenciação social (ROSTWOROWSKI, 1999).

fazia contraste com uma ampla zona urbana, com setores bem divididos. A *llacta*-fortaleza foi construída com fortalezas em sua entrada e com espaço para abrigar um numeroso exército junto a seus moradores.

Um fato interessante é os moradores terem convivido no mesmo local junto ao Inca e seus nobres. As vilas eram sempre ao redor das cidades e em *Ollantaytambo* existia o convívio, não havendo uma divisão social ou étnica como nas demais *llactas*. Isso se deve ao longo período de guerras e conquistas do Império, pois a fortaleza era um estratégico ponto entre a capital Cuzco e as demais *llactas* (GOYZUETA, 2005).

Ollantaytambo foi construída e planejada de acordo com a geografia do local, aproveitando o ângulo da montanha em que foi edificada, além de ser uma *llacta* para o controle das pessoas do vale. A *llacta*-fortaleza foi edificada em formato de degraus ao redor de um morro, com grandes blocos de pedras bem polidas, com portas e janelas em formato trapezoidal. Na parte interna foi planejada a divisão de setores e postos de observação da região (HUBER, 1966).

Machu Picchu

A *llacta* de *Machu Picchu* foi uma das mais belas descobertas do século XX, uma cidade construída a 2500 metros de altitude, setecentos metros acima do rio *Urubamba* (FREITAS, 1997).

Existem vários documentos do século XVI que falam de *Piccho* ou *Picho* na zona onde se encontra o santuário, na realidade, o nome foi dado por Hiram Bingham que descobriu o sítio em 1911. Segundo os documentos coloniais de 1540 e 1570, os espanhóis combateram vários focos de resistência Inca na região de *Vilcabamba* onde *Machu Picchu* localiza-se (LUMBRERAS, 2005).

Nenhuma referência, porém, é levantada acerca da *llacta* pelos cronistas do século XVI e XVII, e muitas perguntas são constantemente feitas sobre os construtores e idealizadores desse magnífico complexo. “*Machu Picchu* ilustra muito bem os princípios de urbanização adotados no *Tahuantinsuyo* para suas *llactas*” (FREITAS, 1997, p.10. cap. XII). O que se sabe atualmente, depois de quase um século de estudos, é que existem bons argumentos para supor que a cidade foi planejada e construída por *Pachakuteq*, primeiro Imperador do *Tawantinsuyo*.

Muitos edifícios com praças e plataformas constituem o setor urbano da *llacta*, esses estão interligados por ruas estreitas que se cruzam com terraços. As sessões estão assentadas em terrenos altos que se sobressai de uma área central, sendo o único espaço plano que *Machu Picchu* possui (LUMBRERAS, 2005).

Conforme enfatizado por Soriano apud Freitas, (1997):

[...] uma detida reflexão indica que *Picchu* teve um papel evidentemente defensivo, uma *llacta* secreta com toda a estrutura necessária para agüentar um cerco que durassem décadas. Por isto a fizeram em um ponto elevado e rodeado de floresta, com pontes secretas e levadiças, *andenes* com canais de irrigação, templos, quartéis, oficinas artesanais, uma *acllahuasi* muito ampla, cemitérios, bom abastecimento de água e armazéns. Enfim, no que diz respeito às necessidades administrativas, nada faltava. Puseram em tudo seus melhores conhecimentos de planejamento de arquitetura e engenharia. É uma obra de arte completa em seus aspectos civil, militar, religioso, administrativo e econômico, superando todas as outras *llactas* do *Tahuantinsuyo* (p. 15. Cap. XII).

Estudos arqueológicos atuais tentam responder perguntas sobre as finalidades da cidade e a vida cotidiana de seus moradores com a chegada do europeu conquistador. A *llacta* ficou guardada em meio a selva por muito tempo e hoje seus edifícios escondem uma época a ser desvendada.

Llactas recentemente descobertas

O principal caminho que leva a *Machu Picchu* parte de Cuzco pelo lado sul, onde passa pela montanha e por construções cercadas por postos de vigilância. Muitas outras cidades estão sendo descobertas pela arqueologia e muito ainda há para se decifrar nas construções Incas.

Nas trilhas que levam a *Machu Picchu*, estão *Corihuayrachina*, *Cota Coca* e a, recentemente descoberta, *Llactapata*. Que ligações teriam esses centros urbanos com as demais *llactas* e porque os espanhóis não as descobriram? Essas questões muitos arqueólogos estão tentando responder com a exploração desses sítios. *Corihuayrachina* se espalha por um declive cercado por um extenso muro erguido e suas construções possuem características pré-incaicas e incas. Seu estilo é muito semelhante a *Machu Picchu*, *Choquequirao* e *Cota Coca*. As pesquisas revelam que é *Corihuayrachina* anterior ao período inca, pois foi encontrada em suas construções uma pirâmide e seu estágio de construção deve ter passado por três etapas, uma anterior à inca, outra em que os incas conviveram com o povo que ali vivia e depois os subjugaram, passando a dominar a cidade. A cinqüenta quilômetros de *Machu Picchu* está *Cota Coca* uma cidade recém descoberta que era um centro cerimonial que servia como armazém e cidade dormitório de *Machu Picchu*. O interessante é que, em outros núcleos urbanos, a população vive ao redor, em casas simples e na cidade vive apenas a elite, nesse caso as pessoas trabalhavam no complexo

urbano de *Machu Picchu* e, à noite, deslocavam-se para a cidade de *Cota Coca* para dormir. Outra recente descoberta foi *Llactapata* ou “cidade alta” cujos portões cerimoniais estão alinhados com *Machu Picchu*. Os pesquisadores concluíram que a cidade é parte integrante de *Machu Picchu* sendo *Llactapata* e as outras cidades “interligadas administrativamente a centros cerimoniais que se distribuem em direção a Cuzco” (WILFORD, 2003). O complexo também pode ter servido como depósito de suprimentos para *Machu Picchu* e de área residencial semelhante a *Cota Coca*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os incas construíram um legado (que a historiografia completou e difundiu) como um povo único e dotado de uma civilização superior no contexto andino.

À medida que o *Tahuantinsuyo* se ampliou, o aprimoramento do Império e a concepção de serem os únicos a passarem um conhecimento supremo fez dos incas um povo que deixou de ser uma pequena tribo para, gradualmente, construir cidades planejadas, chamadas de *llactas*, para consolidar sua expansão.

As crônicas do século XVI e XVII procuraram relatar a vida e a maneira de organização do *Tahuantinsuyo* comentando sobre a capital Cuzco, porém, não oferecendo muitas informações sobre as demais *llactas*. No entanto, hoje temos o interesse da historiografia que busca, nas investigações da arqueologia, informações para responder às várias incógnitas deixadas pelos Incas e que nos ajudam também a reconstruir a identidade andina.

Apartir do governo de *Pachacutec*, bastante salientado pelos cronistas do século XVI e XVII, o cenário incaico passa a dispor de uma nova organização administrativa em que o setor urbano recebe modificações e passa a ser um importante elemento de controle e efetivação do Estado Inca sobre as províncias. Cada edificação era planejada e calculada para atender às necessidades administrativas do Império, sendo as cidades centros administrativos e de poder no controle de territórios e da população.

Muitas das cidades incas foram construídas delineando o formato de animais, com suas ruas bem alinhadas, seus muros fortificados e suas paredes inclinadas. Cuzco, sua capital, possui a forma de um puma sentado sobre um rio, tendo a cabeça construída no local onde foi edificada Sacsahuaman, uma fortaleza para guardar a *llacta*, tornando-se o modelo de todas as funções e orientações do *Tahuantinsuyo*.

Assim, as cidades eram privilégio da elite e da etnia inca, os povos

subjugados viviam ao redor, nas vilas e nos *ayllus*. Percebe-se que em *Ollitaytambo* ocorre uma mudança no conceito de divisão social, a *llacta* era também uma fortaleza que abrigava a etnia dominante inca e o povo simples. Contudo, as relações estabelecidas nas cidades seguiam uma orientação sob a direção de Cuzco, eram planejadas com base em cálculos astronômicos identificados no encaixe das pedras e na ligação com a natureza. Suas construções ofereciam condições diversas como abastecimento de água e rede de esgotos para atender a população urbana.

Esses fatores também se encontram presentes em *Machu Picchu* e nas recentes *llactas* descobertas, alinhadas em sua direção, percebendo-se um novo período dos construtores de pedra. Nessas, as vilas ganham novos modelos em que o setor urbano apresenta casas mais apuradas em seu talhe. Portanto, o estudo das construções das cidades incas nos faz repensar como era a vida e os ideais de um povo simples que chegou a região fértil de Cuzco buscando adaptação e sobrevivência.

Chamados de incríveis construtores de pedra, os incas foram considerados por muito tempo como primitivos e selvagens, na realidade eram apenas antigos e muito eficazes como se pode observar no seu controle do Estado e no aproveitamento do legado deixado em cada local conquistado. Com um estilo paisagístico bem apurado, souberam definir um significado para cada *llacta* e uma melhor compreensão de suas raízes. Suas cidades tiveram uma importância vital na administração do *Tahuantinsuyo*, controlando social, econômica, política e militarmente as regiões em que eram edificadas, aspecto considerado vital às práticas estatais expansionistas da administração inca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETANZOS, Juan de. **Suma y narracion de los Incas**. Edição Maria del Carmen Rubio. Madrid: Edições Polifemo, 2004.

FREITAS, Luiz Carlos Teixeira de. **Tahuantinsuyo**. O Estado Imperial Inca. 1997. Disponível em: < <http://www.luzcom.com.br/> >. Acesso em: 12 jul. 2004.

GAMBOA, Pedro Sarmiento de. **História de los Incas**. Madrid : Miraguano, Polifeno, 2001.

GOYZUETA, Vicente. **Qosqo, capital sagrada de los Inkas**. Disponível em < <http://www.qosqo.com/> > Acesso em: 25 set. 2005.

HUBER, Siegfried. **O segredo dos Incas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.

LA VEGA, Garcilazo de. **Comentarios reales**. México: Porrúa, 1990.

LUMBRERAS, Luis G. **Machu Picchu**. Disponível em: < [http:// www.machupicchu.perucultural.org.pe](http://www.machupicchu.perucultural.org.pe) > Acesso em: 03 out. 2005.

MASON, J. Alden. **As antigas civilizações do Peru**. Lisboa: Ulisséia, 1961.

MURRA, John Victor. As Sociedades Andinas anteriores a 1532. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina. América Colonial**. Vol. I. Tradução: Maria Clara Cescato. São Paulo: EDUSPE; FUNAG, 1998.

OLIVEIRA, Denise de Fátima Martins. **O Mistério das construções das cidades Incas**. Santa Maria: UNIFRA, 2003 (PROBIC).

ROSTWOROWSKI, Maria. **História del Tahuantinsuyu**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1999.

WILFORD, John N. Outro tesouro Inca. **Zero Hora**. Porto Alegre, 1º dez. 2003. Caderno Eureka